

Apresentação

O número 1 do volume 20 da Revista de Educação Popular traz 20 textos inéditos para sua apreciação, dos quais dez na forma de artigo e mais dez relatos de experiência. Do total de artigos, um deles aborda o campo da saúde, mais especificamente na problematização das práticas obstétricas, defendendo a importância do uso da expressão “violência obstétrica” como forma de combater a banalização da agressão sofrida por mulheres no momento, durante e após o parto.

Seguindo na proposição dos artigos, o tema Educação reuniu a maior parte dos textos dessa edição, com sete ocorrências, desde as experiências com a educação básica no campo até o contexto do ensino superior, passando pela formação de professores, a implementação de projeto político-pedagógico e as relações entre educação, interculturalismo e pós-colonialidade. Destaco aqui dois desses artigos: o primeiro deles se localiza no contexto das discussões científicas sobre a diversidade étnico-racial nas escolas, a partir de estudo desenvolvido com docentes de uma Escola Municipal de Feira de Santana, Bahia, com o intuito de identificar se estes profissionais recebem formação continuada para a realização de abordagens sobre a temática da diversidade étnico-racial na escola. A metodologia utilizada foi pautada na pesquisa de campo com abordagem qualitativa e questionário semiaberto aplicado a um grupo de professoras do Ensino fundamental I, além de análise documental. O estudo constatou a necessidade de um maior investimento por parte do município na oferta de formação continuada para o trabalho com essa temática. O segundo destaque é o para um artigo que trata da relação entre a organização curricular da área de Educação Física e a política de Educação Intercultural na Bolívia, a partir da análise qualitativa de interpretação dos documentos curriculares disponíveis no endereço digital do Ministério da Educação boliviano. O estudo constatou que os objetivos, conteúdos e metodologias propostos para as aulas de Educação Física no Currículo Base não dialogam com os princípios de educação intercultural e descolonizadora defendidos no documento oficial. Por outro lado, nos Currículos Regionalizados, elaborados pelas comunidades indígenas autônomas, as práticas corporais são tratadas como temas curriculares conectados com a tradição cultural e o significado dos exercícios físicos de cada etnia. O texto destaca, por fim, as incongruências entre o discurso da reforma educacional intercultural e pós-colonial e as propostas curriculares para as aulas de Educação Física, no contexto boliviano.

Ainda no conjunto de artigos desse número, dois outros textos se destacam na abordagem de temas relacionados à cultura. Um deles apresenta a importância da produção do polvilho como principal fonte de renda de moradores da Comunidade Tatu, localizada no município de Rio Pardo de Minas, região Norte do estado de Minas Gerais. O trabalho discute como a mecanização/modernização na produção do polvilho interfere nos laços de vidas tradicionais da Comunidade, evidenciando que com a chegada da modernização ocorre o enfraquecimento de alguns laços tradicionais como a troca de serviços, mesmo que a produção continue de modo familiar e artesanal, ratificando a compreensão dos agricultores sobre os modos de produção em comunidade. O último destaque dentre os artigos vai para o texto sobre a Cultura dos Papangus, manifestação cultural da comunidade de Uruaú, que fica no Município de Beberibe, litoral leste cearense. Essa manifestação é formada a partir de figuras que se mascaram e usam trajes para a construção de performances nas ruas e o texto problematiza os métodos de inserção dos brincantes na manifestação a partir do contato com a máscara, o chicote e o traje, e como a relação com esses marcadores dialogam com a realidade socioeconômica da comunidade.

Já os dez relatos de experiência apresentados por essa edição, trazem compartilhamentos de práticas no contexto da educação profissional tecnológica; na formação docente; vivência com adolescentes em situação de vulnerabilidade social; educação e saúde e ainda as relações entre educação popular e arte. Destacarei a seguir três dessas experiências compartilhadas.

O primeiro destaque é para o projeto de Orientação e Desenvolvimento Pessoal e Profissional desenvolvido junto aos alunos do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, com ênfase para as questões relacionais, pessoais e profissionais que interferem no bem-estar biopsicossocial do grupo. As ações do projeto refletem na melhoria dos relacionamentos interpessoais tanto no âmbito pessoal como profissional, redução de faltas excessivas, reprovações, desistências e abandono dos cursos assistidos.

No campo da saúde, o destaque para o relato de uma experiência desenvolvida com estudantes do Ensino Médio pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de realizar atividades de Educação em Saúde. Propõe-se a criação de uma rede de vínculo entre escola e Secretaria Municipal de Saúde para desenvolvimento de ações direcionadas às demandas enfrentadas no cotidiano escolar. O projeto possibilitou a construção do vínculo entre a Secretaria e o Instituto, o fortalecimento estudantil no reconhecimento das situações de vulnerabilidades, para que possam se proteger e se mobilizarem contra elas, e subsídios para

futuros projetos de educação em saúde. Por fim, o texto que relata o trabalho a partir da arte com crianças e adolescentes de um assentamento constituído pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra em Campina Grande, Paraíba. Buscando estimular o gosto pela leitura, o método do Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal configurou-se como uma das abordagens do estudo, que culminaram com a apresentação de uma encenação teatral para a comunidade.

Como foi possível observar nessa apresentação, vale o mergulho nas reflexões e experiências aqui compartilhadas por autoras e autores de diversas regiões do Brasil.

Boa leitura!

Alexandre Molina

Editor-chefe